
PARTE III

VARIETADES

(COLLIGIDAS POR VILHENA ALVES)

O DIA DE FINADOS

(CONTO ESCOLAR)

Desde pela manhã, o pequeno Emilio sentia-se deveras afflicto, cheio de uma grande commoção, de uma saudade profunda, que traziam-lhe aos olhos lagrimas abundantes e ao peito soluços irreprimiveis.

Sonhára de noite com o pae, vira-o tão bem, tão perfeito como elle fôra, com a sua veneranda barba, com sua physionomia serena e doce, com aquelle mesmo sorriso carinhoso com que outr'ora o recebia quando voltava da escola.

Ouvira-lhe a voz pausada e meiga, chamando-o pelo nome, conversando com elle como nos dias felizes que não voltariam mais.

De toda aquella conversa com o seu morto querido, ficaram-lhe impressas n'alma palavras repassadas de amor, que o pae tivêra para elle.

«Emilio, meu pobre Emilio, dissêra-lhe o morto, como te quero ainda e como te deploro, meu pobre filho. Como me dóe a tua desventura! Consola-me apenas a idéa de que serás um homem de bem e a certeza que tenho de possuir no teu coração o affecto compensador de um bom filho».

E, depois de muito falar em cousas do passado, na felicidade do seu lar, nos carinhos da familia, nos esforços que empregára para salva-la da ruina, tomára-lhe a mão entre as suas e conchegando-a ao peito, deixára-lhe estas derradeiras palavras :

«Hoje os mortos têm os seus tumulos juncados de flores : o meu estará deserto d'ellas, que a penuria em que vos deixei não dá para traduzirdes a vossa dôr num punhado de petalas. Mas, assim despido para

todos, estará florido para mim com as flores bellas do vosso amor, da vossa saudade e das vossas lagrimas. Adeus, Emilio».

Ao acordar a infeliz criança sentira um aperto terrivel no coração; aquelle encontro em sonhos com o pae activára-lhe as vibrações da sua grande dôr. Vira, mal despertára, a physionomia resignada de sua mãe cheia de amargo pranto; sua irmanzinha Amelia, uma loura criança de quatro annos, viéra perguntar-lhe numa curiosidade assustada, por que a mamam chorava.

Elle não respondera á pequenita; chorára tambem.

Com a morte do pae entrára-lhes a miseria em casa: os parcos bens do commerciante honrado quasi não haviam chegado para pagar-lhe os compromissos.

Os amigos dos bons tempos, quando a fortuna o bafejava, quando a sua influencia, a sua assignatura, a respeitabilidade do seu nome, abriam caminho aos que o procuravam, fugiram uns, empenharam-se outros em rehver dividas, sem consciencia, sem mais se lembrarem dos beneficios recebidos.

O lar, repleto de felicidade, de commodos, de bem estar, enchera-se de dôr, de privações e de trabalhos extenuantes.

Ficára-lhe apenas, como preciosissima joia engastada nas pedras asperas de uma rocha, a saudade de um esposo querido e o amor de uma mãe, dedicada até o sacrificio pelo bem e pelo futuro dos filhos.

E naquelle dia e naquelle momento, o que cruciava o pequeno Emilio não era o seu fato de lucto, muito surrado e velho, não eram as suas botas rôtas, deixando sahirem os dedos dos pés pelos rasgões enormes, não era a dolorosa penuria em que vivia.

Pungia-o sómente a falta absoluta de dinheiro com que comprar um punhado de flores, para espargir sobre a terra que cobria os despojos de seu pae.

Via e revia na mente aquella sepultura abandonada, aquella simples cruz de ferro, negra, com o numero em lettras brancas, e nada mais.

Cercavam-na milhares de tumulos de marmore, onde brilhavam luzes, por entre flores em profusão, grinaldas e ramos de bello aspecto; tudo sumptuoso e grande, só elle pequeno e pobre.

Doia-lhe fundo n'alma esta dolorosa desigualdade; debalde tentava comprehender aquella injustiça da sorte para elle, que fôra tão bom, tão caritativo e tão honrado.

Mas, que fazer? Sua mãe, ainda gravemente enferma do grande abalo que aquella morte terrivel lhe fizera, não podia sequer ir ao cemiterio; além d'isso mal tinham para comer naquelle dia.

Em vão buscava uma idéa para resolver o problema difficil da compra d'aquellas flôres. Lembrou-se por fim do seu relógio.

Era uma recordação dos tempos felizes, quando a fortuna permittira ao pae despesas d'aquelle genero; valia bom dinheiro, de ouro, como era, e com excelente machinismo.

Iria empenhal-o, e teria assim o que precisava. Entretanto, mal traçou no cerebro esta idéa, surgiu logo um grande obstaculo: dispôr d'aquella joia sem consultar sua mãe era incorrer numa grave desobediencia.

Mas dizer-lhe tudo seria augmentar-lhe o soffrimento, e ella estava tão doente, tão acabada e tão pallida!

Vacillante, numa cruel incerteza, ora decidindo-se por um alvitre, ora por outro, Emilio resolveu consultar o seu amiguinho Luiz, um collega de escola, da sua idade, cujo conselho se afigurou sempre muito proveitoso. Luiz approvou logo a idéa da venda, guardando Emilio completo segredo para sua mãe; porem, preocupado com o que disséra, e receioso de ter dado um máu conselho, revelou tudo a seu pae, confidente habitual de todos os seus actos.

A approvação paterna tranquillizou-o.

Emilio empenhou o relógio e comprou um bello

e grande ramo de rosas, deixou-o em casa de Luiz e obteve licença para ir com este ao cemiterio.

Estava tudo feito. Cahia a tarde, quando chegaram á necropole os dois estudantes, um bem trajado, o outro quasi matrapilho; um com o coração sem magoas porque deixára em casa seus paes bons e felizes; outro com o espirito opprimido de dôr porque ia jun-car de flôres o tumulo de seu pae e porque ficara no leito da enfermidade sua pobre mãe.

Havia no cemiterio um povo immenso, espalhado pela enorme área, pondo com os seus trajos negros uma nota saliente e severa no marmore branco dos tumulos e no verde dos arbustos e das plantas.

Milhares de vellas ardiam por toda a parte, agitadas as chammas pelo vento, pondo nos objectos clarões avermelhados; e, dominando o sussurro surdo de toda aquella gente agglomerada, a musica triste dos funeraes evocava saudosas recordações.

Reservava-se uma surpresa aos dois meninos: a sepultura, que esperavam encontrar abandonada, estava coberta de flores, illuminada por seis velas em candieiros apropriados, e da cruz pendia uma linda grinalda de flores artificiaes.

Ambos pensaram que houvera um engano por parte de alguém, tomando a sepultura por outra; mas esta supposição desapareceu logo, porque em uma larga fita de gorgorão lilaz, pendente da grinalda, liam-se estas significativas palavras em letras douradas: *Saudades de Emilio ao seu querido pape.*

Luiz adivinhou então que andara em tudo aquillo seu pae, indo ao encontro dos sentimentos affectivos que o ligavam ao amigo; porem Emilio, que ignorava a divulgação de sua confidencia, debalde procurava atinar com aquella intervenção de um desconhecido, em assumpto tão intimo e de um modo tão expressivo.

Seu coração commoveu-se deante d'aquella homenagem prestada á memoria de seu pae; toda a sua

alma partiu num agradecimento silencioso e eloquente áquelle ser ignorado que de tão perto seguira e comprehendera o que o seu espirito almejava.

Quando se ajoelhou sobre aquella terra, com o velho chapéo no solo, sob o ramo de rosas, e as mãos postas para a prece, lagrimas pungentes rolaram-lhe pelas faces pallidas e foram embeber-se no chão, emquanto o seu pensamento voava para aquelle homem que fôra o seu melhor amigo, que o amára muito e que lhe deixára por herança unica o exemplo de sua vida honrada.

Deu-lhe as suas rosas como lhe daria a sua vida; entrelaçou-as na cruz como entrelaçaria a sua própria alma, e partiu com o amigo, voltando muitas vezes a cabeça para verainda aquellas flores, aquellas luzes em symetria, aquella grinalda tão bella, até que as perdeu de vista, por entre as campas, os mausoléos e o povo.

Ao chegar á casa, levava o vehemente desejo de tudo revelar a sua mãe; acreditava que, como a elle, lhe faria bem aquelle factó inexplicavel e commovedor.

E sentado á beira do leito da enferma, bem chegado ao seu busto, contou-lhe o sonho, a impressão que este lhe deixára, o seu projecto, a consulta ao amigo, o negocio do relógio e o adorno da sepultura, confundindo durante a narrativa as suas lagrimas com as de sua mãe.

Antes, porém, de terminar, a doente retirou de sob um traveseiro, uma pequena caixa de papelão e apresentou-a ao filho: havia na tampa o endereço de Emilio, escripto em lettra bem legivel, e dentro o relógio empenhado e o recibo declarando ter sido paga a importancia emprestada.

Nada mais que pudesse auxiliar a descoberta do inesperado bemfeitor: um desconhecido batera á porta e deixára a caixa, sem explicação alguma.

Emilio comprehendeu então que forçosamente

Luiz participava de tudo aquillo; só a elle confiára o seu segredo e só elle podia tel-o passado a outrem.

No dia seguinte, quando se encontrou com o seu amiguinho, á entrada da escola, abraçou-o ternamente; mas Luiz, comprehendendo que aquella expansão muda significava um agradecimento, limitou-se a dizer: «Não tui eu, foi meu pae».

E mezes depois, no dia de seu anniversario natalicio, o progenitor de Luiz encontrou sobre a sua mesa de trabalho um lindo ramo de flores naturaes, com estas simples palavras: «*Um coração agradecido.*»

Eram flores que Emilio cultivára sobre a sepultura de seu pae, transformada em jardim virente pelo seu amor filial.

Pará—2—11—1897.

MARIANA MACEDO VIANNA.

VICTOR HUGO

Com o titulo de «Um capitulo sobre Victor Hugo», publicou ha annos atraz a «Union» de Madrid, numa correspondencia de Paris, o seguinte interessante episodio passado havia pouco tempo.

«O grande poeta costuma tomar o omnibus, e mesmo ir na imperial quando passeia d'um lado a outro de Paris, o que não obsta a que uma vez por outra entre no primeiro trem de praça que se lhe depára. Em consequencia d'isto, Victor Hugo apresentou não ha muitas noites aos seus convidados, na avenida de Eylao, um homem d'uns cincoenta annos, baixo, modesto e bem trajado.

—«Tenho a honra, disse elle com a sua cortezia costumada, de apresentar-lhes, meus senhores, o sr. Carlos More, cocheiro que me conduziu ao theatro da «Gaité», no dia do centenario de Voltaire, sem querer acceitar dinheiro».

Com effeito, naquelle dia, na occasião em que Victor Hugo apeiando-se da carruagem ia pagar ao cocheiro, este respondera-lhe :

—«Não, sr. Victor Hugo, eu não aceito o seu dinheiro. Basta-me ter tido a honra de o conduzir».

Victor Hugo insistiu, o cocheiro persistia na recusa, obrigando-o por fim a receber 20 francos. O cocheiro immediatamente foi ao escriptorio do «Rappel», entregando com destino á subscrição então aberta a favor dos presos politicos, os 20 francos que recebera do illustre poeta, e que no dia seguinte figurava na lista dos subscriptores pelo seguinte modo :

—«Carlos More, cocheiro, importancia d'uma carreira paga por Victor Hugo—20 francos».

Algumas vezes, ao sair de casa para o senado, via Victor Hugo um trem parado perto da sua casa, do qual o cocheiro, apenas o avistava, abria logo a portinhola. Era o cocheiro do centenario de Voltaire, que apenas aceitava o preço da carreira, mas nunca qualquer propina, tal era a sua admiração pelo grande cidadão.

Não sabendo Victor Hugo como corresponder ás atenções do cocheiro, convidou-o para um jantar. O cocheiro empallideceu de alegria. Á hora marcada entrou no salão de Victor Hugo, tomou assento entre os amigos da casa, e dava exemplo da mais completa compostura. Ouvia : pouco se intromettia na conversação e só pronunciava curtas phrases, por signal muito sensatas.

Á sobremesa agradeceu a Victor Hugo :

—Por certo, senhores, disse com a singeleza de um homem do povo commovido ao vêr-se entre homens de letras, conservarei d'esta reunião uma lembrança que jámais se apagará; mas conheço perfeitamente que não é este o meu logar. Eu não sou mais do que um pobre homem que vive pobrementemente trabalhando quando póde.

«Tenho uma santa mulher, e uma filhinha muito

bonita, ás quaes adoro. Penso nellas emquanto trabalho, e quando estou sem ter que fazer no alto do assento do trem, eu, meus senhores, tambem algumas vezes faço versos. Unicamente, accrescentou com modestia, não devem ser bons, e não ousaria mostral-os e publical-os sem que Victor Hugo os corrigisse».

Houve silencio muito natural.

Victor Hugo não respondia; e uma das pessoas presentes disse com graça :

«Quer o sr. ouvir a minha opinião? Em litteratura, os grandes são grandes, e os pequenos são pequenos. Fiquemos cada um no que somos. Perderiamos talvez a nossa humilde originalidade, se outros corrigissem as nossas obras».

OS MAIORES LAGOS

São estes os doze maiores lagos do mundo, calculada a sua superficie em kilometros quadrados. Assim temos :

1.º—Caspio	(Russia)	439.418
2.º—Victoria	(Africa)	83.310
3.º—Superior	(Canadá)	82.868
4.º—Aral	(Russia asiatica)	67.590
5.º—Mechigan	} (Estados-Unidos)	} 58.009
6.º—Huron		
7.º—Winnepeg	(Canadá)	41.380
8.º—Nyassa	(Africa)	35.250
9.º—Baikal	(Siberia)	34.934
10.º—Tchad	(Sudan)	33.914
11.º—Tanganika	(Africa)	31.446
12.º—Erié	(Estados-Unidos)	28.357

Seguem-se outros menores da Suissa e Italia, que são :

1.º—Genebra.....	573
2.º—Constança.....	538
3.º—Guarda	496

4.º—Maior	210
5.º—Como	156
6.º—Lucerna	115
7.º—Zurich.....	89

LEITO DE P. OCUSTO

Procusto era um salteador da Attica, que deitava os que colhia ás mãos em seu leito de ferro e cortava as extremidades áquelles que por sua altura o excediam.

O monstro era disforme no physico como no moral; possante e robusto, mas um verdadeiro anão.

Assim, não havia quem não ultrapassasse a beira de seu leito e não houve occasião em que o faccinora deixasse ir com vida quem não cabia em seus estreitos moldes.

Theseu andava por esse tempo limpando a terra de uns sujeitos da força de Procusto e de outros talvez peores; o destino levou-o á morada ou ao covil do barbaro, e o heróe fel-o expiar sobre o funebre leito todas as torturas e mortes de que tinha sido instrumento.

E esse leito passou á immortalidade para significar a esphera estreita em que se coage uma actividade superior, o alvéo em que se aperta uma torrente de energias.

É tomado sempre em má parte; um pensador mimoso achou geito de fazel-o um simile delicado nesta maxima feliz:

—A modestia é o leito do Procusto, em que a virtude se ha de fazer pequena para não irritar o vicio.

THEOBALDO.

Altitude das principaes montanhas do Brasil

(«ALMANAQUE BRASILEIRO DE GARNIER»)

	Metros
<i>Ceará</i>	
Serra Ibiapaba (ponto culminante).....	1020
» de Maranguape	920
» » Maruóca	850
» » Aratanha	780
Serrote de Joá.....	620
<i>Parahyba</i>	
Cordilheira de Borborema	264
<i>Pernambuco</i>	
Serra do Gigante.....	921
» de Garanhuns	845
» do Exú	631
<i>Alagoas</i>	
Garganta da serra do Olho de Agua de Paula	301
Jatobá.....	299
<i>Sergipe</i>	
Serra de Itabaiana.....	860
<i>Bahia</i>	
Morro de Commandatuba.....	600
Monte Paschoal.....	536
Cimo da Serra Grande	500
Serra de Itiúba.....	436

Espirito Santo

Serra de Itapemirim	2100
» » Itabapoana	1430
Morro Mestre-Alvares	980

Rio de Janeiro

Serra dos Órgãos, Pedra Assú	2232
» » » pico medido por Liais..	2011
» das Almas, tres Picos do Matheus	1880
Frade de Macahé.....	1750
Serra do Inguá.....	1650
Morro do Frade (Mambucaba)	1640
Serra da Onça	1400

Districto Federal

Pico de Andarahi	1025
» do Corcovado.....	697
Paineiras (Corcovado)	464
Pão de Assucar	385
Antiga Caixa da Carioca.....	209

Minas Geraes

Itatiaia (Aguilhas Negras).....	2994
» (Pyramides)	2500
Pico do Passa-Quatro (Serra da Mantiquei- ra)	2252
Serra do Caraça.....	1955
Pico do Itambé.....	1817
Alto da Serra da Piedade em Sabará	1787
Pico do Itacolomi (Ouro Preto).....	1750
Pedra Branca (junto á cidade de Caldas)	1710
Pico de Itabira do Campo	1520
Morro da Moeda.....	1455

Alto da Serra na estrada de Barbacena.....	1288
Serra do Ouro Branco, ao sul de Ouro Preto.....	1260

S. Paulo

Serra do Macuco	1400
Serra de S. Roque.....	900

Paraná

Serra da Ribeira.....	1000
-----------------------	------

Santa Catharina

Serra do Mirador	492
------------------------	-----

Rio Grande do Sul

Aceguá	621
Santa Tecla	573
Herval	500
Sant'Anna.....	490

Matto Grosso

Serra de Maracajú	618
Nioac	220

Goyaz

Serra dos Pyrineus.....	2310
» da Tabatinga.....	880

UM QUADRO EM BRANCO

Lemos o seguinte no Almanack luso-brasileiro :

Um visitante percorria as differentes installações do hospicio de alienados de Charenton, em França. Entre varios reclusos, que lhe attrahiram a attenção, notou um, que, tendo deante de si uma toalha fixada a um cavallete improvisado, e manejando um pequeno pau, á guisa de pincel, simulava estar pintando um quadro, e mostrava-se todo absorto na sua tarefa.

Ao approximar-se o visitante, interrompeu o artista o seu chimerico trabalho, e disse-lhe cheio de enthusiasmo :

— Vem ver o meu quadro ? Que tal o acha ? Magnifico, não é verdade ?

— Magnifico, certamente; mas quer ter a bondade de me dizer qual é o assumpto ?

— A passagem do Mar Vermelho pelos hebreus. — Ah ! sim ! Mas então onde está o mar ? — Retirou-se, para elles passarem. — E onde é que estão os hebreus ? — Já passaram todos. — E os egypcios ? — Esses ainda não chegaram.

Não havia que replicar. O quadro estava realmente completo.

Cataclismos geologicos

ESTADISTICA DAS CATASTROPHES VULCANICAS

Anno	Localidades victimadas	N- de mortos
79	Pompeia e Herculanium.....	50.000
1667	Schemacha, no Caucaso	80.000
1692	Port-Royal (Jamaica).....	3.000
1693	Sicilia (54 cidades, 300 aldeias)....	100.000
1703	Iedo, no Japão (destruição total)...	210.000
1731	Hsinen-Hoa, ao norte de Pekin...	120.000
1746	Lima e Caláo, no Perú.....	18.000
1751	Port-au-Prince (Haiti).....	3.000
1755	Anito, no Equador.....	5.000
1755	Lisboa.....	50.000
1767	Martinica.....	600
1788	Santa Lucia..	900
1797	Andes peruano e columbiano.....	40.000
1812	Caracas.....	12.000
1839	Port-Royal (Martinica).....	700
1842	Cabo haitiano.....	4.000
1859	Anito, no Equador.....	5.000
1868	Arequipa, Iquique, Tacna (Perú)....	20.000
1883	Krakatoa (Java)	35.000
1895	Kamaichi (Japão).....	51.000
1902	Schemacha (Caucaso).	4.000
1902	S. Pedro (Martinica).....	35.000

O fundo do mar

(L. Sonrel)

Ilha de fogo sahida do Oceano nas visinhanças das ilhas Aleucianas.—A Islandia.—Mar inflammado; appareição de uma ilha proximo de Reikianess.

Por varias vezes se têm observado erupções submarinas nas circumvisinhanças do Kamtchatka e nas paragens da America Russiana. O celebre capitão Otto de Kotzebue dá noticia nos seguintes termos do apparecimento de uma ilha proxima de Ummak (uma das Aleucianas) :

«Em 7 de Maio de 1796 achava-se na ponta noroeste de Ummak o agente da companhia Russo-Americana, Krinckhoff. Nesse dia, por causa d'uma tempestade vinda de noroeste, não se podia enxergar muito ao longo do lado do mar; porem no dia immediato, acclarando o tempo, viu-se á distancia de poucas milhas da praia uma columna de fumo levantar-se do mar, e pela tarde enxergou-se o que fosse de escuro que avultava por baixo da columna de fumo. Pela noite adeante, d'esse sitio sahiu fogo, por vezes com tal intensidade, que dez milhas arredado do logar da erupção se distinguiam perfeitamente os objectos.

«De repente um tremor de terra, acompanhado de um estrondo que se repercutiu nas montanhas do sul, abalou toda a terra, e a ilha recém-nascida arrojou pedras, que alcançaram Ummak. O terremoto cessou ao romper do sol, diminuiu o fogo, e viu-se distinctamente a nova ilha, que tinha a fórma conica.

«Um mez depois tornou a vel-a o referido Krinckhoff; estava mais alteada. Durante aquelle intervalo não tinha cessado de vomitar fogo. Deste então pareceu ter ainda crescido em circumferencia e altura, porem as chamas foram diminuindo. Passou a não

lançar senão vapores e fumo. Quatro annos depois cessou este de todo. E após oito annos poude ser visitada.

«Uns caçadores que lá foram, acharam que todas as aguas tinham uma temperatura elevada, e o terreno era tão quente que por muitos sitios era impossivel andar. Outro explorador, um Russo, disse que a circumferencia da ilha era de duas milhas e meia, e a sua elevação de 350 pés (116 metros); que o fundo do mar em um raio de tres milhas estava inçado de pedras; finalmente que o terreno da ilha era quente desde o meio da altura conica até ao cimo, e que o vapor que sahia da cratera lhe parecera de cheiro agradável.

«A Islandia é um foco vulcanico mui activo; nas suas circumvisinhanças sobrevêm phenomenos analogos aos que estamos citando. Mackensie conta que em 1780 se enxergaram chammas sahindo do mar de frente da costa occidental da ilha a dez leguas de Reikianess; o phenomeno durou mezes, e depois irrompeu do sitio uma ilha, que sumiu-se pouco tempo depois, tendo vomitado chammas e pedras. E logo em seguida entrava em actividade eruptiva o Skaptaalokull, vulcão visinho ».

Charadas

Sou logar de sacrificio.....	1
Nós duas somos um az.	2
Procura a quarta em Apollo.....	1
Na Europa o todo acharás.	

1—1—1—1. É nota de musica e variação de activo pronominal.

1—2. É prefixo de grammatica e de arithmetica.

- 1—2. De dia este phantasma distribue numeros.
 3—2. Dá leis e tem o distinctivo de poder soberano.
 1—2. Da patria da poesia sou tributario.
 1—1. Na grammatica e na musica sobe e desce.
 3—1—1 Exerce o poder em Utica de um novo modo.
 2—2. A seara da Macedonia era na Grecia.
 2—2. É da Africa e do fim da Grecia.
 1—2. É indefinido mas verdadeiro este homem.
 1—1. Nos dramas e nas comedias legislou.
 2—1. Observa na origem este phenomeno.
 1—2. Este rio existe á esquerda da carta.
 1—2 No Sahara a cólera produz estragos.

Decifração das charadas do n. 54

Em versos : *Baleares.*

Das novissimas : *Sonda, portaria, desunião, Martaban, Madras, Ségo, Sofala, Moravi, Senaar.*

Rectificação

O numero de syllabas da 5.^a charada novissima, do n. 54, sahiu incorrecto, pois deve ser : 1—1, sendo o conceito *Madras.*



PARTE IV

NOTICIARIO

(VILHENA ALVES.)

Internatos no interior do Estado

A lei n. 924 de 13 de Outubro de 1904 auctoriza o Governador do Estado a fundar e custear no interior do Estado dois internatos de instrucção primaria.

Eis a integra da lei :

«O Congresso Legislativo do Estado decretou e eu sanciono a seguinte lei :

Art. 1.º—Fica o Governador do Estado auctorizado a fundar e custear no interior do Estado e nas localidades que julgar mais convenientes dois internatos de instrucção primaria para 40 alumnos pobres cada um, podendo contractar esse serviço com qualquer associação que julgar apta a bem desempenhal-o, e abrir para esse fim os respectivos creditos.

Art. 2.º—Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado da Justiça, Interior e Instrucção Publica assim o faça executar.

Palacio do governo do Estado do Pará, 13 de Outubro de 1904, 16.º da Republica.

AUGUSTO MONTENEGRO.
G. Amazonas de Figueiredo.»

Matricula e frequencia dos grupos escolares do Estado até 30 de Setembro de 1904

CAPITAL

Grupos escolares	Matric.	Freq. maxima.
1.º districto.....	438	325
2.º »	502	365
Annexo á Esc. Normal	345	304

José Verissimo.....	616	447
Praça Santa Luzia.....	754	550
Avenida Nazareth.....	573	441
Pinheiro.....	297	236
Mosqueiro.....	205	176
Castanhal.....	370	309

INTERIOR

Abaeté.....	301	256
Alemquer.....	184	161
Baião.....	109	96
Bragança.....	250	200
Cametá.....	318	226
Curuçá.....	306	261
Igarapé-miry.....	214	186
Maracanã.....	175	153
Marapanim.....	252	219
Muaná.....	75	71
Obidos.....	220	166
Santarem.....	239	192
Soure.....	204	169
Vigia.....	322	254
Somma	<u>7.275</u>	<u>5.763</u>

(Do Diario Official.)

Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará

Recebemos o volume III d'esta importante obra, publicada sob a direcção do nosso collega, o sr. Arthur Vianna.

Vem cheio de documentos importantes, que põem em evidencia o espirito investigador do illustre director da Bibliotheca Publica.

Penhorados agradecemos o exemplar que nos remetteu.

Movimento das escolas municipaes

(1904)

1.º TRIMESTRE

Matricula.....	1.968
Frequencia média.....	1.157

2.º TRIMESTRE

Matricula.....	2.041
Frequencia média.....	1.255

3.º TRIMESTRE

Matricula.....	1.775
Frequencia média.....	1.279

«Revista de Ensino» de S. Paulo

Temos recebido os seguintes fasciculos d'esta importante publicação :

— Numeros 1, 3, 4, 5 e 6 do primeiro anno (1902);
 — 1, 4 e 5 do segundo anno (1903) ; — e apenas o numero 1 do terceiro anno (1904).

Temos em tão subida consideração a magnifica Revista, que lamentamos sinceramente não possuir a collecção completa.

Terá havido esquecimento, ou extravio ?

Estradas de ferro Brasil

As estradas de ferro do Brasil mediam em 31 de Dezembro de 1902 a extensão de 15.176 kilometros, assim distribuidos por Estados :

Minas-Geraes.....	3.704
S. Paulo.....	3.582
Rio de Janeiro.....	2.115
Rio Grande do Sul.....	1.610
Bahia.....	1.217
Pernambuco.....	676
Paraná.....	645
Ceará.....	494
Alagoas.....	355
Espirito-Santo.....	148
Parahyba.....	141
Rio-Grande do Norte.....	121
Santa Catharina.....	116
Districto Federal.....	107
Maranhão.....	78
Pará.....	67
Total.....	15.176

Os Estados do Amazonas, Piauhy, Sergipe, Goyaz e Matto-Grosso não possuem estradas de ferro.

«El Instituto Nacional»

Foram-nos enviados alguns numeros d'esta importante Revista de Sciencias, Letras e Artes, que se publica em Guatemala.

O numero de Abril contém programmas de estudos, decretos, apontamentos historicos, assumptos scientificos, etc.

Gratos pela valiosa offerta.

Collegio Diocesano do Carmo

Foi satisfactorio o resultado dos exames de preparatorios e de certificado de estudos primarios, dos alumnos d'esta excellente casa de educação.

Os tres alumnos inscriptos para exames de preparatorios todos foram approvados, sendo que um d'elles obteve varias distincções.

De oito que se apresentaram a exames de certificado, foram approvados seis, apezar do rigor, aliás justo, que houve nesses exames. Este resultado mostra que o ensino, alli, é uma realidade.

Instituto Civico-Juridico Paes de Carvalho

Alumnos que terminaram o curso em 1904

Orlando Pontes de Figueiredo.

José Benedicto Cohen.

Henrique Jorge Husly, tenente do corpo auxiliar.

Argemiro Silva.

Avelino Augusto de Miranda.

José Chaves da Motta Segura.

Orvacio Deolindo da Cunha Marreca, major do 1.^o corpo.

Manoel Luiz de Paiva.

Manoel Carrilho de Oliveira Maciel, tenente do 1.^o

Arithmetica Rudimentar

O Conselho Superior de Instrucção Publica, em sessão de 24 de Outubro ultimo, approvou e mandou adoptar nas escolas elementares do Estado a *Arithmetica Rudimentar* do sr. professor Tito Cardoso de Oliveira.

Em carta dirigida ao distincto auctor do livro, assim nos pronunciamos sobre o merito da obra :

« Pará, Novembro de 1904. — Sr. professor Tito Cardoso de Oliveira:— Li com toda attenção a sua *Arithmetica Rudimentar*, destinada ao curso elemen-

tar das escolas do Estado, e confesso lhe francamente que a achei excellente e em tudo adequada ao fim a que se destina.

Resumindo do melhor modo possível a materia a estudar, fez v. s. uma exposição clara e methodica dos assumptos, sem esquecer nada do que é exigido pelo regulamento do ensino para as classes elementares.

Regras e definições simples, inteiramente ao alcance das intelligencias infantis; quadros e exemplos disseminados, a elucidar as differentes materias; assim como a belleza da impressão, que tanto concorre para o bom exito pedagogico de qualquer livro de instrucção; tudo isso torna a *Arithmetica Rudimentar* não sómente util, mas ainda agradável, attrahente.

Por isso eu a considero um verdadeiro mimo á infancia. Se não dei ha mais tempo esta minha espontanea e desprerenciosa opinião, é porque queria firmal-a conscienciosamente lendo attentamente o livro, trabalho que não é possível fazer de afogadilho.

Sou etc.—*F. F. de Vilhena Alves*».

Leituras Catholicas

Temos recebido os voluminhos 157, 158, 159, 171, 172, 175, 177 e 178 d'esta publicação, sendo o ultimo, correspondente ao mez de Outubro d'este anno.

Entre os assumptos nelle tratados, sobresãem: duas conferencias do grande escriptor brasileiro Dr. Carlos de Laet, uma sobre a imprensa e outra sobre o frade estrangeiro; carta pastoral do bispo de Goyaz sobre males e abusos da imprensa; dois dramas — *Fabiola* e *São Venancio*; duas comedias — *Os dois mouros* e *Impostores da Sciencia*.

São interessantes estes voluminhos — como leitura amena e instructiva.
